introdução às idéias de Feuerstein 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. GARRIDO,

A.A; et alli. Necessidades Educativas Especiais. Primeira edição. Editora Dinalivro: Lisboa, 1997.

FONSECA, Vitor. Educação especial. Programa de Estimulação Precoce: uma introdução às idéias de Feuerstein 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARRIDO, A.A; et alli. Necessidades Educativas Especiais. Primeira edição.

Editora Dinalivro: Lisboa, 1997.

GRANDIN, T. Scariano, M. Emergência: autista rotulados. New York: Warner Books, 1996.

GAUDERER, Christian. Autismo E Outros Atrasos Do Desenvolvimento. Guia

Prático para Pais e Profissionais. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p. 108.

GAUDERER, Christian. Autismo E Outros Atrasos Do Desenvolvimento. Guia

Prático para Pais e Profissionais. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p. 108.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito à diferença nas escolas Pátio Revista Pedagógica / Aprendizagem para todos. Ano VIII, n° 32 (novembro / janeiro 2005). P.13,14,15. Artmed Editora S.A. – Porto Alegre, RS. 2004.

SEMENSATO, Márcia Rejane. BOSA, Cleonice Alves. A família das crianças com autismo: contribuições empíricas e clínicas. In: SCHMIDT,C (Org.) Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas, SP: Papirus, 2013.

ZANON, Regina Basso. BACKES, Bárbara. BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan – Mar 2014, Vol. 30 n. 1, p. 25-33.

TRABALHANDO TEXTOS NAS SÉRIES INICIAIS

A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR NA ESCOLHA DOS TEXTOS NAS SÉRIES INICIAIS.

AMANDA SIQUEIRA LOUREIRO DIAS

Resumo:

O objetivo deste artigo é trazer à tona a importância do educador na escolha dos textos trabalhados nas séries iniciais. Assim, analisaremos a necessidade de promover a fantasia, a imaginação e a criatividade a partir dos textos que a literatura infantil nos oferece, reconhecendo sempre a significância do trabalho com tais textos como uma ferramenta para desenvolver o gosto pela leitura e a alfabetização em uma perspectiva de letramento. Nesse sentido, é preciso uma observação atenta e cuidadosa para selecionar os livros que serão trabalhados durante o ano letivo. Tais livros, devem propiciar um conhecimento global e interdisciplinar mas, acima de tudo, precisa trazer base para o trabalho no ensino de linguagem (leitura, escrita e interpretação). Por isso, o professor precisa diferenciar as características do livro didático e paradidático, além de detectar os objetivos pedagógicos do uso dos livros selecionados. Feito isso, é preciso estabelecer uma metodologia para seu trabalho, a fim de apontar ações

metodológicas que possam fazer parte do processo de ensino e aprendizagem e que tragam diferentes recursos materiais, para que todos os alunos em suas especificidades e características possam ser atingidos. Este artigo traz minhas experiências, observações, pesquisas de campo e bibliográficas. Revela a necessidade de despertar cada vez mais, nos professores, a consciência da responsabilidade nas escolhas dos textos a serem trabalhados especialmente, no período de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Séries iniciais. Literatura infantil. Livro didático. Livro paradidático.

Metodologia de trabalho.

INTRODUÇÃO

Independente da faixa etária é certo de que a leitura/escuta de histórias deve ser algo prazeroso. É por isso que ler ou ouvir uma história vai muito além de decodificar palavras ou sons. Assim, uma criança ainda pequena, que não é alfabetizada, já é capaz de "ler", pois consegue examinar o mundo que a cerca e interpretá-lo. A isso, damos o nome de letramento. A criança quando observa um rótulo, um cartaz, uma imagem é capaz de decodificar a mensagem empregada ali.

Logo, essa criança "leu". Corroborando com esta ideia, Freire afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1992:11-12).

O mundo da leitura é muito amplo e tem muitas faces. O ato de ler possui inúmeros impulsionadores... Lemos porque queremos ampliar nossos conhecimentos. Lemos porque precisamos obter alguma informação. Lemos para descontrair. Lemos para nos manter informados. Mas em qualquer circunstância, o ato de ler deve vir carregado por prazer, caso contrário, essa leitura se torna um fardo.

É muito comum ouvirmos adultos dizendo que não gostam de ler, que nem se lembram qual foi o último livro que foi lido. Diante disso, precisamos pensar: qual e como foi o contato deste adulto com os textos enquanto criança? Se considerarmos que a grande maioria dos adultos de hoje tiveram suas infâncias num período de educação tradicionalista, sem medo de errar, digo que o contato com os textos foi realizado de modo conteudista, fragmentado, longe de suas realidades e maçante.

As crianças de hoje, estão em sua maioria vivenciando um ensino mais construtivista, aonde o letramento se torna mais completo e eficiente do que simplesmente o alfabetizar, o decodificar palavras. Hoje se considera a formação de leitores autônomos, sensíveis, criativos e críticos. Tais características trazem consigo a formação do gosto pela leitura, contribuindo assim, para a manifestação constante do ato de ler. Assim, para Emília Ferreiro (2006)*, estar alfabetizado nos dias de hoje é:

Poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas

sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela e também, não se pode esquecer, apreciar a beleza e a inteligência de um certo modo de composição, de um certo ordenamento peculiar das palavras que encerra a beleza da obra literária.

A família é a primeira referência para a criança de uma formação leitora. Quem cresce em um ambiente em que se ouve histórias diariamente, em que há ofertas de livros, em que se observa seus pais lendo com constância, obviamente crescerá com uma maior aptidão para o gostar de ler.

A medida que a criança vai crescendo, o professor passa a ser uma grande referência deste modo leitor. Assim, nós enquanto professores, devemos possibilitar o contato e a interação de nossos alunos com textos diversificados em momentos significativos. O professor das séries iniciais precisa ter em mente que os três primeiros anos do ensino fundamental são muito importantes para o processo de construção efetiva de ler. É por isso que, mesmo não sendo da educação infantil, o lúdico, a fantasia e a imaginação precisam continuar ativas, vivas e operantes dentro da sala de aula. Para isso, como já foi escrito aqui, é preciso desconstruir modelos tradicionalistas de ensino especialmente nos momentos de ensino e práticas de leitura. O professor alfabetizador deve sempre

*Por se tratar de um artigo de meio eletrônico, não dispomos de paginação.

propiciar um ambiente convidativo ao ler e ouvir histórias e precisa ter ciência da importância da seleção de textos, livros e histórias que serão trabalhadas. Por isso, este artigo trará também informações importantes sobre essa escolha, que conta com opções de livros didáticos e/ou paradidáticos (além de outros portadores de texto). No presente artigo, primeiramente discorreremos sobre o perfil e as características dos textos que o professor das séries iniciais precisa adotar, especialmente os literários. A seguir, veremos como fazer a seleção e a escolha dos textos que serão trabalhados, especialmente quando se trata dos livros didáticos e paradidáticos. Para finalizar, conheceremos diferentes ações didáticas para favorecer a didática no uso dos diferentes textos e diferentes estratégias de contação de histórias que auxiliam no processo de leitura e escrita.

2. O PROFESSOR DAS SÉRIES INICIAIS E OS TEXTOS LITERÁRIOS

Dominar a leitura é garantia para participar ativamente na sociedade em que se vive. Participando ativamente, é possível transformar a realidade e mudar paradigmas. Por isso, a leitura em seu sentido pleno é essencial para a promoção da cidadania.

A família traz a responsabilidade de oportunizar vivências e experiências de leitura. A medida que a criança é inserida na escola, essa responsabilidade começa a ser compartilhada. O professor é o agente que une e aproxima o aluno com a escola.

Assim, ele é o principal intermediador entre o texto e o educando e tem a sua própria formação como base para tal tarefa.

Codificar, decodificar, interpretar e agir são ações necessárias para o sucesso com a leitura e tais ações são demonstradas pelo professor através da sua prática e didática. Por isso, precisamos valorizar e promover formação continuada para que os professores se sintam preparados e possuam uma visão crítica e atuante na implementação de políticas públicas, que muito influenciam no fazer docente. Tal formação, seja ela inicial ou continuada, deve proporcionar ao professor a exposição à diversidade e variedade oferecidas pelas literaturas, conhecendo as nuances de cada uma delas, bem como as metodologias de ensino adequadas.

Quando falamos sobre vivências e experiências na construção do saber ler e escrever, há dois elementos que são imprescindíveis e que não podem ficar de fora: a imaginação e a fantasia. Tais elementos são essenciais para a formação da criança e seu comportamento enquanto leitor. Assim, na formação docente, é importante que o professor reconheça como estimular e propiciar momentos de criação e imaginação. Aqui, a literatura infantil passa a ser uma grande aliada nesta tarefa, pois há estímulos importantes ao desenvolvimento da linguagem contidos nela. Além disso, com a inserção da literatura infantil, da imaginação e da fantasia nas séries iniciais, o professor trabalha o desenvolvimento da linguagem, aumenta as possibilidades de imagens mentais e amplia a socialização da criança pelo uso dela. Tal estímulo ocorre através da contação de histórias, das dramatizações, do contato com o livro, sempre em um ambiente rico e acolhedor.

Os personagens das histórias, os contextos e o mundo imaginário também motivam a criação. É por isso que, quando é ofertado à criança tal cenário, com momentos e vivências significativas, ela é capaz de fazer com que, por exemplo, uma caixa de leite se transforme em um carro, que uma espiga de milho se transforme em uma boneca, etc. O professor, sabendo valorizar tal construção, forma alunos capazes de criar, imaginar e, assim, aos poucos, são capazes, no letramento, de ir muito adiante no conhecimento das letras.

Desde a educação infantil, o contato com os textos literários já deve estar presente. Isso significa que, no início do ensino fundamental, o educando já deve ter tido a oportunidade de manusear diferentes livros, ouvir várias histórias, dramatizar e recontar suas histórias preferidas. Cabe então ao professor das séries iniciais oportunizar a ampliação deste repertório e o incentivo aos alunos para que o interesse pela leitura seja motivado. Para trabalhar com os textos literários, deve-se narrar as histórias a partir da imaginação. Ou seja, os desenhos e ilustrações são um convite para que a criança conte histórias além daquela apresentada pelo autor. Tal atividade, desperta o interesse para revelar o que as letras estão contanto sobre as imagens observadas, motivando a criança a ler para descobrir o que está escrito nas linhas que vê. Além disso, através da leitura oral, da contação ou criação de histórias, o professor pode demonstrar o interesse, o prazer e a beleza nos elementos dos textos, das emoções, entre outros

fatores cativantes. Vale a pena considerar também que, quando o professor possibilita tais vivências e experiências, a criança passa a desenvolver também um potencial crítico, pensando, questionando, dividindo ou perguntando. Assim, devemos considerar que cada história é uma ampliadora de diálogos. Aqui, mais uma vez, vemos a necessidade e a importância de se trabalhar com textos variados, sempre pensando na adequação de acordo com a faixa etária e interesses da turma. É sobre isso que falaremos a seguir.

2.1 A SELEÇÃO DE TEXTOS. O LIVRO DIDÁTICO E O PARADIDÁTICO

O professor pode selecionar diferentes recursos a fim de que seu trabalho docente seja eficaz e para que consiga colocar em prática as estratégias planejadas. Tais estratégias visam sempre que os alunos construam suas aprendizagens de forma satisfatória e significativa. Na grande lista de possibilidades de recursos para se trabalhar, o recurso do livro didático é um que se destaca.

No Brasil, o livro didático é utilizado há bastante tempo e é quase sempre utilizado, principalmente a partir do primeiro ano do ensino fundamental. Ele contribui bastante para facilitar as aprendizagens e, como já dito aqui, é um suporte para o trabalho do professor. Entretanto, ele é também um recurso no qual (principalmente nos últimos tempos, com as novas teorias de aprendizagem) mistura elementos da cultura, da pedagogia, da sociedade e até mesmo da produção editorial. Assim, nem sempre é um material no qual o aluno vê um significado presente. Muitas vezes, ele está fora do contexto das realidades vividas pelas crianças. Dessa forma, ainda que o professor utilize um livro didático ele deve trabalhar com outros recursos e com outros portadores de textos para aprimorar a prática pedagógica, fazendo com que assim, todos os alunos possam encontrar significado nas aprendizagens.

Um destes recursos que perpassam o livro didático é o livro paradidático. Nele, há uma constante provação de reflexão, a fim de aprofundar conceitos ou informações sobre determinado assunto. Assim, o livro paradidático auxilia o professor em sua prática de forma mais indireta, não oferecendo um auxílio diário. Além disso, atualmente, o uso dos livros paradidáticos está em alta, pois ele traz propostas que se aproximam dos assuntos do cotidiano das crianças, além de um conteúdo interdisciplinar. Ele integra, portanto, as discussões em sala com os assuntos do repertório das vivências dos alunos, ampliando o leque de conhecimento, melhorando e descomplicando o processo de aprendizagem. Cria-se assim, debates, questionamentos, questões e reflexões acerca da vida real e dos interesses dos alunos.

Como vimos, há características importantes que diferenciam os dois modelos de recurso pedagógico. Porém, os dois trazem em questão algo essencial na formação educacional de qualquer pessoa: a leitura. O saber ler, não habita somente nas disciplinas das letras, como português ou história. Na matemática ou na física, por exemplo, é preciso dominar também a leitura para que se consiga interpretar as questões e conseguir resolver os problemas. Assim, para que se consiga

avançar na leitura e estar de fato alicerçada em uma alfabetização na perspectiva do letramento, a criança precisa de um professor que contribua através de sua didática e metodologias, para uma formação de consciência crítica e reflexiva. Ao professor, portanto, cabe a tarefa de pensar como e para que o aluno aprende para que, assim, planeje suas aulas. Está aí, a necessidade de estar engajado na escolha do recurso pedagógico. Qual livro usar? Quais textos trabalhar?

No Brasil, o PNLD fornece as diretrizes sobre os livros utilizados nas escolas públicas. Desde 1996 há uma avaliação pedagógica dos livros inscritos no programa. Tal avaliação contribui para o fornecimento de livros de melhor qualidade pelos editores bem como favorece a renovação das práticas pedagógicas nas escolas.

Assim, uma das primeiras coisas que precisamos observar na hora da escolha dos livros a serem trabalhados são as seções indicadas pelo Guia do Livro Didático, confeccionado pelo PNDL. Depois, precisamos selecionar os textos que trabalham a leitura e a escrita de forma significativa, levando-se em conta a realidade dos alunos, as vivências e os interesses do grupo. Isso porque considerar tais fatores é uma prática pedagógica que amplia as estratégias de compreensão leitora, principalmente as que demandam conhecimentos prévios e a provocação por questionamentos.

Nas produções de textos também vale a pena levantar os interesses e as experiências dos alunos, articulando as propostas às realidades do grupo. As etapas para a construção do texto também precisam ser valorizadas: planejamento, escrita, revisão, reescrita e avaliação. Além disso, as produções de textos garantem uma variedade de experiências... Pode-se produzir textos individualmente, em duplas, coletivamente... Pode-se compô-los totalmente ou a partir de um fragmento... Por tais exemplos, a produção de texto se faz de presença tão importante especialmente nas séries iniciais.

Na escolha dos livros e dos textos a serem trabalhados também é importante verificar a faixa etária para determinar se são pertinentes para a formação social e cultural.

Portanto, ter sabedoria e critérios especiais para selecionar os textos que trabalharemos em nossa sala de aula são muito importantes para que tenhamos sucesso em nossa prática e que alcancemos os nossos objetivos pedagógicos de forma eficaz e transformadora.

2.2 METODOLOGIAS DE ENSINO: DIFERENTES AÇÕES DIDÁTICAS

As metodologias são hipóteses didáticas, políticas e pedagógicas e, por isso, não são apenas técnicas de ensino. As metodologias de ensino se baseiam nos campos de estudo da didática, que visam as diferentes teorias pedagógicas e suas abordagens. Desta forma, em toda e em qualquer prática pedagógica há intencionalidades e objetivos, que visam sempre a formação do educando de forma integral. É por isso também que, quando escolhemos o material de estudo (livros ou outros portadores de textos), não atuamos com neutralidade. Há clareza dos objetivos que queremos atingir, dos conhecimentos que

pretendemos construir e dos sujeitos que aspiramos formar.

O processo de ensino e aprendizagem é complexo e, por isso, não é possível termos uma única metodologia de ensino que seja eficaz para todos os alunos em seus diferentes contextos. Assim, é fundamental trabalhar com textos diversificados a fim de abranger diferentes demandas das diferentes necessidades/interesses por parte dos educandos. Os temas sociais e as realidades locais precisam fazer parte e nortear os textos que são lidos em sala de aula. A partir disso, podemos analisá-los, compreendê-los e mudar nossa postura para uma ação transformadora, fazendo com que, desta forma, o ato de ler se sobressaia – e muito- ao de apenas ser alfabetizado. Assim, o aluno passa a ser um protagonista da sua aprendizagem e o professor consegue elaborar pesquisas, projetos e atividades multiculturais.

Nas séries iniciais, é importante utilizar narrativas, histórias, simulações, imersões e contos fantásticos sempre que possível. O trabalho por exemplo, com histórias, estimula a curiosidade dos educandos, despertando a curiosidade e o imaginário. Além disso, promove a construção e a reconstrução de ideias próprias fazendo com que os alunos vivenciem situações que envolvam sentimentos conflituosos nos quais aconteçam reflexões do que, exatamente, determinada narrativa está influenciando no íntimo de cada um. Assim, ouvir, contar e compartilhar histórias mobiliza muitas aprendizagens, pois as narrativas são elementos importantes para motivar e produzir conhecimentos. Para isso, é preciso criar o hábito de ler e preparar o ambiente para os momentos de leitura e escuta. As crianças de seis, sete ou oito anos ainda se interessam muito pelo mundo literário e professor pode aproveitar de tais interesses para colocar em pauta diversos temas importantes para serem trabalhados. A música e o teatro são ótimo recursos para serem trabalhados. A partir dessas práticas, pode-se esmiuçar suas letras ou enredos e, porque não, criar novas canções ou histórias.

Além disso, o professor precisa aplicar estratégicas de forma lúdica. As brincadeiras cantadas, os jogos, os ritmos, as poesias e as rimas são atividades que envolvem as crianças e as fazem querer saber mais. É por isso que, em seu planejamento, o professor deve adotar tais propostas e possibilitar que a partir delas, as crianças possam ir além, inventando suas próprias brincadeiras e contextualizando-as de acordo com suas realidades.

Desta forma, imaginando, desenvolvendo a criatividade, pondo em pauta o pensamento crítico, o educando em contato com as histórias, vai crescendo, construindo sua identidade pessoal e cultural. Além disso, o contato com as histórias auxiliam nos relacionamentos interpessoais e possibilitam novas aprendizagens, inclusive, em temas transversais e interdisciplinares. Por essa razão, traremos a seguir estratégias de contação de histórias que auxiliam no processo de leitura e escrita.

2.3 ESTRATÉGIAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA QUE AUXILIAM NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA.

Ao iniciar o trabalho com as histórias (leitura e escuta) visando a alfabetiza-

ção e o letramento das crianças das séries iniciais, o professor deve ter por objetivos, alguns fatores importantes. Dentre eles, promover a interação, valorizar o trabalho individual e coletivo, contribuir para a construção da identidade individual e do grupo, conhecer e respeitar a diversidade cultural, socializar ideias e criações a partir de histórias lidas, proporcionar a leitura, interpretação e o diálogo, dentre outros. Assim, uma boa estratégia é perceber que, a relação entre ensino e aprendizagem se torna mais forte e significativa quando há um envolvimento por parte dos familiares. A partir daí, pode-se trabalhar a partir das histórias lidas sejam na escola ou em casa, desenhos, pinturas, criação de novos personagens, de novos finais, de novos personagens. Pode-se também, criar novos enredos com personagens já existentes. Além disso, pode-se selecionar palavras da histórias para criar jogos ou brincadeiras (cruzadinha, caça-palavras, bingo, etc.), elaborando assim, propostas significativas e interessantes.

Outra estratégia interessante é a de trabalhar com textos coletivos, aonde o professor pode atuar como escriba enquanto os alunos vão formulando novos enredos.

O ambiente acolhedor e propício para tais tarefas também é muito importante. Assim, além de incluir a todas as crianças para tal momento, é preciso deixar a sala de referência como um ambiente letrado, contendo produção das próprias crianças e referências para que elas possam construir suas aprendizagens. Portanto, é imprescindível que o professor tenha estratégias a fim de acolher a todas as demandas por parte dos alunos e pense em diferentes possibilidades de propostas, explorando o universo literário em todas as suas facetas.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo nos mostrou a grande importância no trabalho do educador ao selecionar os textos a serem trabalhados nas séries iniciais, período para alfabetização e letramento.

Tal trabalho envolve certa criticidade no que se refere ao que tais livros (sejam didáticos ou paradidáticos) e portadores de textos (em todas as suas diversidades) trazem em seu conteúdo e essência.

Fantasia, imaginação e criatividade não podem estar fora do contexto da alfabetização e do letramento, pois são fundamentais para a conquista de tal habilidade.

O professor necessita estabelecer uma metodologia eficiente e uma didática apropriada ao seu grupo de alunos. É importante dizer que, seja qual ou quais forem as opções metodológicas escolhidas pelo professor, há além delas, um trabalho intelectual e criativo a ser feito. Tal trabalho, adequa as práticas pedagógicas ao contexto da realidade escolar vivida.

Portanto, vale a ressalva do incrível trabalho que muitos professores alfabetizadores realizam diariamente, que não medem esforços para garantir que seus alunos desenvolvam suas capacidades e que se tornem cidadãos autônomos para ler, interpretar e se expressar.